



Aryadne e Aryane Vitomborshi vivem como crianças de outros tempos, em meio a antigas casas do Jabaquara. São vizinhas de Zulmira, também em seu chalé, de onde só pretende sair “para o (Cemitério do) Sabóó”



# Nostalgia na floresta de concreto

Em meio aos prédios que dominam a paisagem, velhos chalés se mantêm

LINCOLN SPADA  
DA REDAÇÃO

Era uma vez três porquinhos que erguiam suas moradas particulares em meio a *boom* imobiliário da floresta. Até que um terrível lobo assombrou a vida do trio. Em questão de sopros, a oca do caçula tombou no mato. O mesmo fim teve a casa de madeira do irmão.

O suíno quase virou presunto por ignorar a boa higiene e a arquitetura dos chalés europeus entre os séculos 17 e 19. Nos Alpes suíços, na capital francesa ou no litoral português, muitos levantavam as paredes de madeira e seus pilares sobre um porão de alvenaria ou tijolos: evitam-se inundações, epidemias e protegem-se as tábuas da umidade do solo.

A tradição dessas residências migrou para Santos com a mão de obra lusitana, que veio reforçar a classe operária para a expansão do café e do Porto, no início do Brasil República. Com porões geralmente de um metro de altura, são empreendimentos cobertos por telhas de barro, com sala, quarto, banheiro, cozinha (único cômodo de alvenaria e no nível do chão) e, às vezes, varanda. São centenas de chalés que resistem, até hoje, ao lobo da especulação imobiliária.

Mas o lobo mau não passa de fábula aos olhos de Aryadne e Aryane Vitomborshi, respectivamente, de 12 e de 6 anos. Elas descem as escadas do chalé para se divertir na pacata Rua Teodoro Sampaio, no Jabaquara, ao lado de uma dúzia de casas do mesmo estilo.

As irmãs preferem brincar no quintal ou na rua por duas razões. O revestimento de madeira esquenta a casa no verão: quem está na sala tem de ligar dois ventiladores. “E também porque o bebê costuma acordar se correrem aqui dentro, por causa do eco do assoalho”, justifica a mãe, Andrea. Segundo ela, o aluguel do chalé é mais barato que na maioria dos quitinetes de Santos – morada escolhida por gerações.

Se a família Vitomborshi é

## Mas há custos

**Nem todos vivem felizes para sempre em seus chalés. Alguns proprietários, sob anonimato, queixam-se do alto custo de manutenção dessas residências, como troca de telhas, que beiram um século. E, anualmente, o revestimento externo de tinta a óleo custa cerca de R\$ 3 mil. Por isso, não é raro alguns demolirem ou venderem as casas. “Já quisera que ela virasse patrimônio público, mas, se eu moro aqui, sou eu quem precisa bancar o custo sem alterar a casa?”, ironiza um dono de chalé. E há, também, aqueles que imitam essa arquitetura oriunda dos morros. Na década de 1980, a copeira Sonia Maria Menezes adquiriu um terreno na Rua Armando Nogueira, no Morro da Nova Cintra. Com seus compadres, construiu um chalé rodeado por plantas na varanda e de fachada para pintar. Enfim, privilegiou a beleza no rústico.**

uma das mais novas a ter chalé como lar, Zulmira Duarte de Souza, de 83 anos, é a mais antiga do bairro: “Não troco aqui por nada. Só saio daqui para o Sabóó”, diz, em alusão ao Cemitério da Filosofia. Viúva, a dona de casa vive com filha, neta e bisnetos: “Só saí de Santos na lua de mel, quando viajei para São Roque (SP)”.

Timida desde jovem, ela lembra seus passeios nos anos 1940, incentivados pela irmã mais nova. Caminhavam pela calçada de ladrilhos até subir no bonde 16, rumo à Praça dos Andradas. Conversavam a pé em direção à Praça José Bonifácio, onde se reuniam as moças da Cidade. Um trajeto rotineiro até seu maior passo, no altar.

Agora, ela é tão caseira que mal sai do chalé onde reside há 39 anos. Antes, crescera noutro, na Rua Um do bairro. Nunca pisou em um apartamento. Nem no dos netos – o que estimula a visita deles em dias de festa (aniversários, Páscoa, Natal e Ano-Novo), principalmente, quando ela se anima na cozinha. No cardápio, “arroz, feijão, macarronada, salada, pernil, carne assada com molho, lasanha”, detalha a bisneta Giovanna Cristine Correa dos San-



No Morro do Marapé (acima), tijolos e madeira; abaixo, casa à venda

tos, de 7 anos.

Zulmira aproveitava a vida com o convívio da família e dos vizinhos, pois passa manhã e tarde sentada na varanda da casa, cumprimentando todos na rua: “Converso, converso muito. Sempre me dei bem com eles”. No fim de tarde, está na sala, à vontade, assistindo aos telejornais. Com imagens de Nossa Senhora no cômodo e em seu quarto, sente-se bem protegida. O melhor, bem acolhida em seu próprio lar.

### NA AVENIDA, TAMBÉM

O estilo ainda permanece em ruas curtas nos bairros intermediários. E, ainda, na Avenida Pedro Lessa, na Aparecida, em que uma fileira de antigas moradas se transformou em estabelecimentos comerciais.

Na Morená Cabelheiros, o hall de entrada e os dois quartos, pela ordem, tornaram-se salão de beleza e salas para depilação. Lá, trabalham uma equipe de cabeleireiros, manicure e depiladora, sob a direção

de Cláudia Elaine da Silva Squinca: “Por três meses, atendi clientes em casa. Quando vim para cá, há 19 anos, já era (ponto) comercial. E é ótimo ser uma casa, pois dá mais visibilidade na avenida”.

Ao lado, está a loja de artesanato Casa de Vovó, de Maria Aparecida Ferreira Fontes. Metalúrgica paulistana, aventurou-se como sócia do estabelecimento em 2007. Dois anos depois, vendeu sua casa, na Capital, por R\$ 130 mil, para morar de aluguel em Santos e investir todo o dinheiro na reforma do ponto comercial.

A razão é a freguesia acima dos 60 anos. “Gosto muito de trabalhar com pessoas da terceira idade. Elas são mais sensíveis com o mundo”, explica Maria Aparecida, atuando na Cidade com maior índice de idosos no Estado (19,1% da população). Ela não trocou os degraus do chalé por uma rampa, mas não é nada que impeça o ingresso da clientela: “Por dia, vêm entre 30 e 60 pessoas”.



Base de concreto suporta imóvel rústico no Morro da Nova Cintra

## Da loteria ao jogo da vida, chalé faz história

O termo francês *chalet* era sinônimo de sorte nos anos 1880, pois se referia às casas de loteria espalhadas no Centro Histórico de Paris. Coincidentemente, na mesma época, operários e estivadores estrangeiros ergueram suas primeiras construções em Santos.

Eram inspiradas nas moradas parisienses, de porão alto, para conter epidemias que afligiam centros urbanos. Uma delas, a febre amarela, que ceifou a vida de metade dos santistas em fins do século 19.

De acordo com os censos, a população aumentava seguindo o ritmo das exportações de café pelo Porto. Entre 1872 e 1900, a Cidade cresceu de 9.151 para 50.389 habitantes.

Os limites demográficos foram expandidos com a multiplicação de chalés nas encostas dos morros São Bento, Pacheco, Nova Cintra e na Zona Intermediária. Era a maneira mais rápida de os imigrantes – geralmente, trabalhadores jovens e solteiros – viverem em abrigos de pequeno porte.

“Os chalés) São feitos sobre apoios de alvenaria, quase sempre com varanda na entrada e lambrequim de madeira recortada (moldura) enfeitando o telhado”, descreve o arquiteto

Gino Caldatto em *Chalé de Madeira*, sua tese de mestrado na USP.

Na dissertação *O Discurso do Progresso: a Evolução Urbana de Santos* (USP), a historiadora Wilma Therezinha Fernandes de Andrade enfatiza que europeus precisavam burlar a fiscalização municipal para erguer seus lares.

Por serem alojamentos simples, a Seção de Obras os qualificava como casebres operários ou barracos provisórios de madeira. Ganharam os nomes de chalés como gesto de reconhecimento após décadas, conforme o texto acadêmico *Chalés de Madeira* (Universidade Católica de Santos, UniSantos), do jornalista Gustavo Carrera Chagas.

Tal formalidade ocorreu com a Lei Municipal 803, de 1926, em que se regularizou a construção de chalés em Santos. Até os anos 50, esse estilo arquitetônico se repetia nas mãos de operários em São Vicente e Guarujá. Geralmente, num modelo mais barato, formado por tábuas sobrepostas horizontalmente, como as tradicionais casas dos Estados Unidos. Por isso, nomeadas de obras de *tapeamento* americano.



Encravados numa via tão movimentada quanto a Av. Pedro Lessa, na Aparecida, chalés viram pontos comerciais. Alguns deles, modernizados